

AGE DE CARVALHO TRANS FORMADO

AGE DE CARVALHO TRANS FORMÉ

Elielson de Souza Figueiredo*

Resumo: Este artigo procura revelar as principais linhas temáticas do volume de poema *Trans*, do poeta Age de Carvalho. Conceitos do Existencialismo de Sartre e de seus escritos sobre Literatura são utilizados para mostrar referências feitas pelo poeta à condição do Ser em suas relações com o Mundo, especialmente com o tempo e o espaço, e com a Criação Literária.

Palavras-chave: Age de Carvalho. Literatura. Sartre. Ser. Mundo.

Résumé: Cet article vise à révéler les grandes lignes thématiques du volume de poème *Trans*, du poète Age de Carvalho. Concepts de l'existentialisme de Sartre et de ses écrits sur la littérature sont utilisés pour montrer les références du poète à la condition d'être dans ses relations avec le monde, surtout avec le temps et l'espace, et la création littéraire.

Mots-clés: Age de Carvalho. Littérature. Sartre. Être. Monde.

O mais recente trabalho do poeta Age de Carvalho está dividido em seis partes, justapostas numa semântica bastante rica. É a partir dessa nota estrutural que gostaria de começar a leitura de *Trans*. Muito distante do exercício gratuito com a palavra, sua escrita parte de uma necessidade de inscrever-se, calcinar-se epidermicamente na página e isso o faz procurar pela Forma calcificada e última de dizer a si na melhor esteira da poesia moderna. *Bechardgasse 24*, poema de abertura, reporta-nos a um endereço em Viena. O poema é o recorte de uma ação, um *zoom* que mostra um episódio, um evento, na história de uma personagem que, quase podemos afirmar, parece dizer a si mesmo disfarçado pelo presente verbal e pela pessoa pronominal *tu*.

Bechardgasse 24

Descalço, entras.

O vazio

Cheio da tua vida

Aqui

Tem o seu lugar.

* Mestre em Estudos Literários e professor do Departamento de Língua e Literatura da Universidade do Estado do Pará. E-mail: p.ef@hotmail.com

Daqui por diante.

Sem.

Após a primeira leitura do poema somos logo fígados pelo jogo semântico posto diante de nós pelo sintagma *o vazio/ Cheio da tua vida* que alude a um dado lugar, ao que parece, único e simbólico na subjetividade de quem o adentra. Quando vemos o referido sintagma caracterizando a vida, não demoramos a buscar um sentido filosófico ali sugerido. Começo essa empresa dizendo que a vida em questão só poderá ser percebida como cheia ou vazia por quem a viveu. Assim, a história, o próprio mundo, só é em relação a um sujeito, como um predicativo seu. Desse modo podemos admitir que um vazio seja cheio ou, neste caso, tenha sentido, signifique, segundo a experiência de quem o viveu. A essa altura já está claro que recorro a uma tradição fenomenológica que tem seu início mais perceptível em Husserl.

A imagem do sujeito descalço reforça ainda mais a simbologia do lugar onde se entra, lugar de acolhida e significação (entendo aqui a significação como ato deliberado pelo sujeito), da *história* enquanto contingência material que age sobre o sujeito tanto quanto é formada por ele. No poema, entrar na história é figurar como agente e ao mesmo tempo paciente, ser centro constituinte do mundo e reconhecer-se também constituído por ele, entrar num lugar que é vazio antes de mim, pois que o homem é objeto da história, e que é cheio de mim, pois que a história e o mundo são construídos pelo homem. Quando descalço, o sujeito no poema é ainda um projeto, por seus agenciamentos e condicionamentos históricos conflitantes entre si é que vai se construindo e sendo construído como subjetividade objetivada.

Evidentemente, essa volta à fenomenologia matriz do existencialismo só se justifica por uma preocupação ontológica que a meu ver está presente no trabalho de Age de Carvalho, pois em muitos de seus textos o poeta paraense versa sobre seus múltiplos, sobre o muito de si posto nas épocas e nos lugares, bem como sobre quanto tudo isso que o constrói, a ele como sujeito. Sobre essa relação dialética e ex-cêntrica entre sujeito e mundo, Age dialoga com Sartre quando este último tenciona sua concepção de sujeito como *projeto* que só se realizará por uma *práxis* exercida sobre as condições materiais históricas.

A práxis [...] é uma passagem do objetivo ao objetivo pela interiorização; o projeto, como superação subjetiva da objetividade em direção à objetividade, tenso entre as condições objetivas do meio e as estruturas objetivas do campo

dos possíveis, representa em si mesmo a unidade em movimento da subjetividade e da objetividade, estas determinações cardeais da atividade. [...] Apenas o projeto, como mediação entre dois momentos da objetividade, pode dar conta da história, isto é, da criatividade humana. É preciso escolher. (SARTRE, 1979, p. 81)

Mas ainda precisamos falar do desfecho do poema. Para entender o que vai ao final do texto, recorro ao que Sartre chama de *necessidade*. Trata-se de um estado de negatividade superado pela afirmação de um *projeto* de tornar possível o então impossível. É a *necessidade* que marca uma dialética entre o sujeito e o mundo, pois ela é causa e consequência das intervenções de um sobre o outro. Ao final, o sujeito textual segue o curso de seu caminho na história *Sem*, ou seja, sob um estado negativo diante do qual é livre pra projetar quem deseja ser a partir dessa condição de partida. A necessidade é a permanente recusa da satisfação ou realização. Para SARTRE, “é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis” (2009, p.538)

O terceiro poema também está ligado aos demais da primeira parte do livro pela temática da luta verbal tratada sob a caracterização do sujeito mediado pela Palavra que o condena e ao mesmo tempo o salva. Pela palavra o poeta sabe que está construindo-se, constituindo-se, mas nunca se sabendo ou revelando a si como identidade una. Vejamos.

IN-, RE-
vestido da palavra-mortalha,
decalque e cópia melhor
da dúbia imagem
na tábua, Ser, levantada alta,
veste talvez
de verdade rouca e sempre interrogada,

és
o favorito,
aquele que de tudo discorda:
o coração
não mente, pacificado.

Tua verdade, tua dúvida
paga em louro, brisa, alegria
de espuma
é tudo o que trazes contigo agora
sob essa palavra-destino
embrulhada em túnica –

é ela,
saída:
tua única
saída.

Aqui a criação poética é a pedra de toque. Logo no início, a brincadeira morfológica para alçar a ideia do *vestir/investir* e do *revestir* é o que chama mais a atenção do leitor e aponta para o trabalho linguístico do poeta que não descuida da materialidade da palavra. Essa “brincadeira” introduz a ideia de uma atividade humana sobre o mundo a fim de intervir nele – talvez a razão de ser da linguagem, sobretudo quando nela predomina um uso poético – através do poema, da arte literária. A *palavra-mortalha* é a metáfora do Nada, condição negativa (de ausência) de onde o homem parte para estreitar relações com o mundo das coisas *em-si* nomeando-o ou vestindo-o de *verdade rouca e sempre interrogada* porque, afinal, é sempre subjetiva também a intervenção do sujeito sobre o mundo através da Palavra. O artista é antes de tudo um leitor de seu próprio texto e ao lê-lo veste-o, dá-lhe verdade provisória para em seguida, numa excitação livre que caracteriza a leitura, despi-lo de velhas roupagens e revesti-lo, (re)vertê-lo sobre a materialidade da palavra, enfim, muitas vezes invertê-lo. Rebatendo a tradição estética de Kant, SARTRE esclarece:

Se recorro a meu leitor para que ele leve a bom termo a tarefa que iniciei, é evidente que o considero como liberdade pura, puro poder criador, atividade incondicionada; em caso algum poderia dirigir-me à sua passividade, isto é, tentar *afetá-la*, comunicando-lhe de imediato emoções de medo, de desejo ou de cólera. Sem dúvida há autores que se preocupam apenas em provocar essas emoções, pois elas são previsíveis, governáveis, e eles dispõem de meios comprovados, seguramente capazes de suscitá-las. (2004, p.41)

A partir do Nada é que o poeta excita a liberdade do leitor capaz de questionar a sua (do poeta) *verdade rouca*. Nomear é talhar em tábua (ou em papel) uma cópia de algo que há, existe antes da imagem talhada, e isso nos faz desconsiderar que tanto a tábua quanto a imagem talhada (ou a palavra escrita) bem como o referente que se quer significar, são coisas que não se prestam a ser ou representar outras senão pela vontade deliberada de um sujeito livre leitor. No exercício de sua liberdade, o Homem atribui sentido ao mundo, mas de certa forma descuida da materialidade da coisa verbal. Por isso é que, se admitirmos que o nome é também uma coisa, fica clara a indistinção entre a Palavra e o mundo que o sujeito tenta investir de sentido. Como coisa, o nome é também pleno e intransitivo não admitindo relações fora de si. Por isso a Palavra é imagem e cópia, coisa Outra e existência em si que precisa ser tomada em sua existência antes de ser submetida à condição de portadora da essência ou significado atribuído ao mundo.

O poema que nasce desse embate é o predicado do mundo, predicado escolhido não entre possibilidades imanentes, mas sim aquele predicado *favorito* construído no próprio sujeito. Sentido acumulado e construído no existir e que livremente revela o mundo segundo a consciência livre de quem o molda em palavras na tábua, papel, fazendo-o verdade sua que, sendo materializada, pacifica o sujeito. Posta sob a fratura do tempo, a feitura do poema gera uma alegria momentânea, brevíssima, alegorizada no texto de Age de Carvalho por uma série metafórica: *Tua verdade, tua dúvida/ paga em louro, brisa, alegria/ de espuma*. Então, da negatividade que originou o ato livre e consciente da criação chegamos a uma breve condição positiva ou de satisfação final, breve alegria de plena realização. A Palavra, agora poetizada pela consciência do artista, expressa sua potência e sua virtualidade ao arranjar-se entre outras tantas no interior do poema ao qual foi destinada pela vontade criadora do sujeito. Palavra *embrulhada em túnica*, tornada viva outra vez pelo reconhecimento de sua existência como coisa material. A poesia não é anterior ao poema, não há essência. O que há é a palavra-coisa, *única saída* para o poeta que deseja manuseá-la para, livre e conscientemente, atribuir-lhe sentidos colhidos nos dias de sua condição histórica. Para não desviarmos os olhos da unidade do *Trans*, vale notar que a escrita do poema é uma saída, uma passagem para o exercício do engajamento que afirma o protagonismo do Homem como timoneiro de sua existência e a Literatura como ato que, sendo orientado para o Estético, não se deslinda do Histórico e, por fim, veste-o em túnica. Embora SARTRE faça uma ressalva à ideia de engajamento da poesia, talvez dissesse que Age de Carvalho

decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. Ninguém pode alegar ignorância da lei, pois existe um código e a lei é coisa escrita: a partir daí, você é livre para infringi-la, mas sabe os riscos que corre. Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. (2004, p.21)

Assim, vê-se que o aparato técnico-formal usado por Age de Carvalho não significa de modo algum qualquer esteticismo gratuito. Ao contrário, os poemas de *Trans* são uma provocação contra um suposto estado de inércia do leitor.

Em *Oremos*, segundo poema da primeira parte, lemos:

[...]
Diante, distante
de ti

forma-se o barro
de nossas ausências.

Nu e uno,
deixaste à porta
o que ainda apartava
a terra do céu,
a lama da alma.

Descalço de teu nome
voltaste a ser
eu.

Oremos.

Para bem de uma leitura minimamente livre de impressionismos penso que devemos atentar para a diferença entre o que está *diante* e o que está fora. O que está diante e *distante* é o que posso ver, é o que existe para o sujeito e traz a ele a consciência de sua existência. Pela consciência de que toda existência se limita ao fenômeno sobre o qual agimos podemos admitir a angústia de sermos livres. A imagem clássica da massa informe em barro que é modelada por uma vontade demiúrgica poetiza a ausência, o Nada que permanentemente impõe ao Homem a necessidade e a possibilidade de moldar a si. Age metaforiza o Homem consciente e livre, em processo permanente de construção segundo sua vontade e potência.

O Homem *nu e uno* revela o Homem só despido de um inconsciente freudiano que lhe esconda alguma essência anterior à livre consciência. Partindo de si para construir o mundo, cada indivíduo sabe-se desajustado à moral sem poder declarar-se apartado dela, portanto, cada Homem se afirma dentro do conjunto social sem se fazer nulo ou indistinto. Descalço dos discursos – morais, religiosos, políticos, sexistas – que tentam permanentemente moldá-lo de fora para dentro, construindo-lhe uma ideia fatídica da existência, o sujeito volta a ser consciente de que *alma e lama* são antes de tudo um anagrama e de que nada lhe cabe temer senão a apatia de confiar ao metafísico o projeto existencial que cabe somente a si.

A segunda parte de *Trans* desdobra o tema da Viagem, entendida numa dimensão mais poética que histórica da existência. Não se trata apenas de atravessar espaços ou mesmo épocas, mas de prolongar-se, estender-se se inscrevendo subliminarmente na Memória da Árvore de Carvalho*. Tal inscrição é a herança que nos permite florescer em ramos novamente mesmo quando já somos raiz e isso implica na maneira como somos narrados e lidos pelos nossos *filhos* (todos os que cruzaram o

* Clara alusão à família do poeta

mesmo caminho conosco), ou seja, nessa segunda parte do livro Age ainda aparece às voltas com o tema da Linguagem, esta ao mesmo tempo *médium* e fim em si mesmo, ato consciente de cada Homem que se inscreve no projeto de Outros, sendo ele mesmo uma existência tencionada entre sua consciência de Nada e a textualidade discursiva que permanentemente quer dar-lhe o tom e o contorno da existência. Já no primeiro poema em torno do tema da Viagem, podemos ler:

DO TANTO

investido em sangue
do tanto
de destino que em ti
verti,
 por ti
vindo até aqui, cruzando
o nome e o samo
do velho carvalho –
em ti, Estirpe,
a caminho,
sob ramo e raiz, re-
semantizado:

a pé,
alado,
em lombo, boléia, dorso
de trens, trans,

viajando através da carne.

O poema é a *fala* de quem deu a outro a investidura de sua Estirpe, de quem se atualiza no Novo como seu *Outro*, como discurso das vozes circulantes nas instituições sociais. Age nos chama à reflexão acerca de uma continuidade na descontinuidade, da identidade na alteridade, obrigando-nos a uma responsabilidade da qual por vezes queremos fugir, a de nos construirmos no interregno entre o livre projeto que somos e o que a moral da época nos induz a ser. Assim, tudo que passamos a ser é também *alteridade* que reverbera sobre aqueles que carregam *o grande Osso parente*, aqueles que são nossos pares, além do laço sanguíneo, que passam por nós e nos levam consigo ou nos *Transportam* em pedaços, cacos da Memória: lugares, vozes, encontros e outros pedaços de nós *Transformados* depois em tecido, raiz convertida em ramo, ou seja, nome-seiva vertido sobre quem nos cruza o caminho e nos replica, por vezes sem dar-se por isso, fazendo brotar novamente o Velho *re-semantizado**. Assim é que passamos por

* A ideia da re-remantização claramente implica numa volta ao anterior (re-) e isso faz-me lembrar o próprio Age de Carvalho ao declarar que todos os dias fala com Max Martins e que este todos os dias lhe fala também através de sua poesia. É a Max Martins, a quem chama de Mestre, que Age de Carvalho dedica o seu *Trans*.

múltiplas vidas *Trans-ferindo*, inscrevendo nosso Nome na carne do Outro, ou com Drummond: *viajando através da carne**. O questionamento poético de Age de Carvalho em torno do Ser metaforiza o salto do pensamento de SARTRE em relação à filosofia cartesiana, como se pode ler a seguir:

Ao invés de o problema do outro se colocar a partir do *cogito*, é, ao contrário, a existência do outro que faz o *cogito* possível como o momento abstrato em que o eu se apreende como objeto. Assim, o "momento" que Hegel denomina *ser para o outro* é um estágio necessário do desenvolvimento da consciência de si; o caminho da interioridade passa pelo outro. (2009, p. 307)

Em *Ainda não Vens* o sujeito poético menciona um filho *nonato*** que ainda virá trazendo *o sangue cruzado, novo/ em folha/ no ramo mais alto*. Tal imagem nos mostra a revitalização de uma expressão tornada popular e desgastada pelo uso, reconduzida ao lugar metafórico que lhe confere poeticidade necessária para que Age sustente os temas da permanência e da renovação da Vida conduzida pelo próprio Homem na perspectiva de *ser para* o outro. Neste poema, o pai do filho *nonato* o vê antes do nascimento através de um signo designado ao pai, onde se nota a exploração semântica da palavra (de-sign-ado) para fazer refletir acerca do poder do signo capaz de substituir e tornar presente o referente (filho), fazer presente e preenhe a ausência. Mais adiante, o pai diz que o signo torna presente o filho *nonato* como

entrevista estrela ultras-
sonora num céu de águas
a abraçar o barro
escravo de existência
e paixão, salve.

Obrigando-nos a rever o sentido da palavra *entrevista* já tão desgastada pelo uso, ao mesmo tempo apelando para um barroquismo que explora o sensualismo pictórico e sinestésico capaz de converter uma ultrassom em anúncio caótico, o poema revela e alude a uma linguagem *ultras-/sonora* capaz de captar e existência *na graça/ dos ainda sem-nome,/ véspera de ser*. Notemos que o filho ainda não tem consciência de si, logo, desconhece a linguagem, experimenta a graça de não-Ser, de ser *sem-nome*, e movido pela fé no pai, na vida, na carne dionisíaca, esse filho come, livre das Ideias e dos nomes das ideias, empurrado pela mediação do pai, livre do pensamento e das palavras: *tua fé em mim/ dá de comer, ave*. Novamente o pai no filho, a raiz no ramo.

* Último verso do poema **Retrato de Família**, publicado originalmente no volume *A Rosa do Povo* (1945)

** Não nascido, ainda no ventre da mãe.

Age mais uma vez poetiza o Ser, ou melhor, a existência de um ser *para-mim* possível apenas pelo ser para o outro.

Não devo *ser* esse nada que me separa do objeto-eu, porque é preciso que haja *apresentação* a mim do objeto que sou. Assim, eu não poderia conferir a mim qualquer qualidade sem a mediação de um poder objetivador, o qual não é meu próprio poder e não posso inventar ou forjar. Sem dúvida, isso não é novidade: há muito se dizia que o outro me ensina o que sou. (SARTRE, 2009, p. 352)

Noutro poema, *ao Pedro*, vemos o trabalho de tradução e o esmero filológico de um poeta empenhado em perceber as ranhuras das línguas para utilizá-las com consciência e mestria estética em prol da reflexão sua e do leitor, sem primar pelo artifício gratuito, mas pelo engenho da composição. Referindo-se ao tema da alteridade ou dos muitos “Eus”, Outros que compõem o Eu, o poema palmilha distâncias pelo pensamento (Memória) *trans-/alpino* para *salutar* (saudar) o sol.

o
sol, *los!*
se repete-se
sobre a crista da Nordkette*
vista do Inn**
como há vinte anos,
e
mesmo o outro
que agora e outrora
se deitou no Guamá,
bronze-barroso, Estrela
do Norte,

contigo, até aqui

Ora, aqui cabe uma ligeira observação sobre a exploração semântica e o trabalho do poeta. O sol é vulgarmente entendido como reinício, nascimento ou vida, mas aqui Age de Carvalho amplia a compreensão em direção a uma reflexão simples, embora valiosa para o conjunto de seu livro. O nascer do sol, o seu *vir*, é a interface do pôr-do-sol, o seu *ir*. Pensando, lendo e escrevendo no entre-lugar existencial e linguístico de quem se encontra expatriado, Age encontra no vernáculo *sol* a palavra alemã *los*, que se traduz para o português como *ir* e que é grafada na ordem inversa da

* cadeia montanhosa em Viena, Áustria

** Literalmente pode-se traduzir como “pousada”, mas é também uma referência à breve estadia de um ano em Innsbruck (1984) na Áustria. Em 1986 Age retorna à Europa para se fixar em Viena, onde vive até hoje. Pelo que se lê, o poeta menciona os vinte anos passados desde sua saída do Brasil.

palavra portuguesa, materializando na escrita a ideia contrária ao *vir*. Ir e vir sustentam uma relação em que os contrários tencionam um ao outro sem cair numa síntese. A mesma ideia está no verso seguinte, através da repetição do pronome *se* reforçando o tema da duplicidade no uno, no mesmo: *o/ sol, los!/ se repete-se*. O que num lugar vem (sol) no outro vai (*los*), mas pela Memória vivem ambos no Sujeito, este também sempre partindo e sempre chegando, sendo dois no mesmo um. Age poetiza sua experiência de deslocamento, *Transito*.

A terceira parte do livro aponta para a experiência cronológica e geográfica da Viagem como *passagem* e contém poemas como 48, *no aeroporto* onde, pelo título, já podemos notar a referência espacial e palpável do lugar intermédio, ao meio, entre o lá e o cá. 48 é possivelmente uma referência à passagem cronológica do tempo, um aniversário*, uma passagem ou *Transito* marcado no calendário. É o que nos sugere o verso *cumpres anos*** que dá início à segunda parte deste poema:

cumpres anos,
com a mangueira cantante
enterrada no ar
queres estar,
és não és, decides
e entre sinais luminosos
da carne em trânsito
decolas.

Podemos notar nos versos anteriores a temática do Tempo e do Sujeito idos, passados, como mangueira*** *enterrada no ar* cuja vida está em processo consciente e permanente de construção (*és não és*) e decididamente opta por *estar*, apenas cumprir o *tempo partido*. Neste poema, como nos demais dessa terceira parte do livro, é muito presente a experiência da perda, do tempo jamais reunido e sempre lacunar, em ruínas, re-vivido em fragmentos. No poema seguinte, *Zu Hause*****, o tema da volta pra casa revela sutilmente a impossibilidade de recuperar completamente a vida já vivida antes, recuperar integralmente o Sujeito existente então, provisoriamente. A carne, o corpo, enfim, a existência é metaforizada como *sangue ralentado* momentaneamente –

* como já sugeri anteriormente, essa referência temporal alude provavelmente ao ano de 2006 ano em que o poeta cumpriu 48 anos de vida e vinte anos de residência entre Munique e Viena, na Europa.

** Possível trocadilho semântico com a palavra espanhola *cumpleaños* que traduz-se para o português como *aniversário*.

*** aqui, podemos dizer, o próprio Sujeito desenraizado, o Carvalho que renasce em ramo noutra lugar longe da raiz ou lugar de origem, como já lemos anteriormente noutros poemas.

**** “em casa”

impressão vã de tempo retido, de fluxo contido ou história recuperada *no reencontro com a baía**. Mas, *a velha mangueira, / recém-capada*, sabe que o sujeito poético é feito em fólio**, imagem riquíssima para a arquitetura da ideia, já que tratamos do retorno, da tentativa de recuperar integralmente o já vivido. A mangueira estéril, cortada, feita em ruína, metaforiza o irrecuperável em contraponto à folha feita de uma face de *agora*, mas também de uma ante face, um *antes* que jamais se atualiza já que virar a página faz com que haja instantaneamente um novo verso.

Eis então uma linha temática que nos levará a um lugar mais claro da compreensão quando em *Uni-, Multiverso*, explorando o sensualismo dos aromas e o significado afetivo da cozinha, o texto nos diz:

lê, treslê
na raiz odorante do alecrim
uma lágrima de exílio
deixada na cozinha, *al-iklil****,
rosmarim****:

ser é estar*****,
isso já é aquilo,
há muito no paralelo, multi-
versum, duplo
na cópia da cópia,
vives.

A cozinha e o aroma de raiz, metáforas do acolhimento, da congregação entre os fraternos, contêm já em si o exílio. Em tudo que é *uni* está já o *multi*. Num jogo prefixal Age nos diz que o Eu, *universo*, está esfacelado, (dis-)seminado no *multiverso* e vice-versa, de modo que *isto já é aquilo* e não se pode mais falar em Essência ou Origem, apenas nas existência fenomenológica. Tudo é *cópia da cópia* e há muitos sujeitos equivalentes que se *deslocam* paralelamente. Para não perdermos o fio da reflexão, chegamos a um lugar privilegiado nos poemas de Age de Carvalho, a agência da linguagem no processo de construção do mundo pelo sujeito. Que ato *uni* de linguagem, dito ou escrito no agora da voz ou da escrita, que é já passado, pode equacionar perfeitamente o *multi* por onde *transita* o ser?

* clara referência à baía do Rio Guamá, em Belém do Pará.

** Aqui Age de Carvalho lança mão do conhecimento de seu ofício de designer gráfico. O fólio é a unidade da folha em frente e verso, a reunião de duas páginas.

*** palavra árabe que deu origem a *rosmarinus* [latim] que em vernáculo nos deu o *alecrim*.

**** forma latina derivada de *rosmarinus* [*ros marinus* = *orvalho que vem do mar*], que conhecemos em português como alecrim.

***** grifo meu.

Ao seguirmos para a quarta parte do livro, encontramos *Trans* (poema que empresta o título à obra) cuja abertura é uma afirmação enfática: *És es-/se Se*. Outra vez demonstrando sua intimidade com a matéria verbal Age desvenda o jogo de espelhos entre os verbos *ser* e *estar**, um é o duplo ou cópia do outro, sua forma invertida, de modo que entre eles não há oposição, apenas sobreposição, como ocorre com o *fólio* feito de duas páginas sobrepostas. Vejamos o poema:

És es-
se Se,

osso em pó
da pergunta da resposta
(**ser, ser, ser**
através,
a caminho de,
manga brilhante se ofertando

entre ramas de ouro)

pós-OP

Age tematiza a Vida e a Linguagem como exílio no espaço e tempo intermediários. O Ser tem a duração intermitente do Estar, a nulidade da resposta que ao ser enunciada já sente a imposição do tempo a impor-lhe nova pergunta, novo caminhar. Todo Ser será sempre redundante, circular, obrigando-nos sempre a retornar às *passagens* já (l)idas, por onde já estivemos. Enfim, vivemos no intervalo entre um *estar* e outro, sendo este outro apenas um caminho de volta, re-leitura, re-escritura, do que em algum momento achamos que estivesse concluído. Para dizer poeticamente tudo isso, Age diz que todo Ser Está *pós-OP*** , alertando-nos para nossa condição de citação *a posteriori*, atualização e retorno a um estado ou condição ida e evidenciada novamente. Assim, Ser/Dizer é o Estar de volta, a *pergunta da resposta* que sempre retorna quando pensávamos tê-la respondido.

Noutro poema, ainda na quarta parte do livro, lemos novamente a ideia de voltar ao vivido que carregamos sempre, fantasmagoricamente como sombra do Ser multipersonal. Vejamos.

NA PASSAGEM, trans, a
caminho

* No poema citado anteriormente (*Uni-, Multiverso*) temos: *ser é estar*

** *op* é a sigla de *opus* [latim] que significa “obra”

[...]
já és, ex, todos
os nomes que escolheste
para ti
eu te chamo
Thomas Lee Mahon, Swami Antar
Rohit, O-que-se-esfez-
em-luz
[...]

e, na curva,

já não olha
para trás.

A imagem final do poema sugere a atitude de quem não procura o que ficou pra trás por acreditar ter passado definitivamente. Mas, em *Trans*, o fluxo incontido do Tempo nos obriga a uma concomitância de estados em espiral e em cada novo estar, estão todos os estados de volta compondo uma crescente ondulação de *ser, ser, ser/através*. Toda essa temporalidade advém de uma consciência de que o presente só existe nos termos de uma relação entre os seres, de modo que todos formem uma síntese nunca apaziguadora. Segundo SARTRE:

Só posso estar presente a esta cadeira se estiver unido a ela em uma relação ontológica de síntese, se estiver lá, no ser desta cadeira, como *não sendo* esta cadeira. O ser que é presente a ... não pode, portanto, ser "Em-si" em repouso; o Em-si não pode ser presente, assim como não pode ser passado: pura e simplesmente é. Não pode se tratar de simultaneidade, qualquer que seja, entre um Em-si e outro Em-si, exceto do ponto de vista de um ser que fosse co-presente a ambos os Em-sis e tivesse em si mesmo o poder de presença. O Presente, pois, só pode ser presença do Para-si ao ser-Emsi. E esta presença não poderia ser efeito de um acidente, uma concomitância; ao contrário, pressupõe toda concomitância e deve ser uma estrutura ontológica do Para-si. (2009, p. 175)

Assim, em *NA PASSAGEM* o autor sugere as citações do passado através da referência a Swami Antar Rohit, artista plástico de origem norte americana cuja obra retrata as cenas regionais de Belém, cenas que procuram captar a perspectiva de quem carrega consigo a alteridade de viver numa diáspora, num entre-lugar de permanente (re)construção histórica e estética de si. Antar Rohit, *O-que-se-esfez-/em-luz*, perfazendo assim a curva, o caminho ou interrogação permanente e livre da consciência acerca do mundo percorre o caminho que abre ao homem a possibilidade de verificar que o mundo (incluído aí o Corpo), o ser *para-si*, assume modos distintos numa espiral que tensiona o “passado” e o “presente” impondo-nos sempre a necessidade de admitir que o mundo só pode ser concebido pela consciência quando destruído, ou seja, a consciência admite o mundo por reconhecer que ele se desfaz para se recompor doutros modos. Portanto, é a

consciência que submete o mundo à *nadificação*. Em sua relação com a concretude o homem nadifica seu objeto, torna-o volátil, submetendo-o a uma temporalidade pretérita que é no *agora* pano de fundo para um novo modo do ser no projeto livre da consciência. Neste poema, de modo muito especial, Age sinaliza para a possibilidade do conhecimento de si, do encontro consigo que é sempre surpreendente após a curva das horas porque no caminho da História o Homem é quem traça para si um projeto continuamente revisado. A curva final, no fim do poema, alude à morte, certeza da destruição nadificante que nos impulsiona a realizar exponencialmente o que livremente projetamos ser, sem medir esforços para isso, enquanto a morte absurda não nos separa das nossas potencialidades, obrigando-nos a voltar ao nada.

Duas páginas adiante encontramos *Love Poem*, texto de fundo narrativo em que acompanhamos uma intervenção médica. Inicialmente, uma imagem que lembra Whitman: *sob Lovenox, só/ciente da luz/ácida da sala, lícido/ dentro do branco fluorescente/ a te dar abrigo* –. Imagem valiosa para a semântica do *Trans* porque a luz ácida e fluorescente aprisiona na lucidez sem vida, ou na consciência apática, o Homem condicionado ao tempo do ato, inconciliável com o tempo transversal do poético que reúne outridades, tempos e espaços diversos e reconciliados. Atendendo a um chamado, desacordado, seguindo um silvo *longe-longo*, a personagem dessa cena que antes tinha *o sangue [...] desa-/ moroso-dopado/ apagado na veia* agora é um corpo cujo *sangue responde, dopa-/ minado, feliz/ agora a chamar nomes de mulheres/ e cidades, beléns, beatrizes*. Temos a cena delirante do Ser *para-si* espreado na multiplicidade do Ser *em-si* e exercitando sua liberdade de significar e construir o mundo segundo sua subjetividade. No mundo, entenda-se aqui a história circular dos dias presentes, esse sujeito cumpre as ordem cíclicas: *amas, defecas, voltas/ a pisar a grama molhada/ do futuro* –. A ideia de *voltar* implica uma (re)visão consciente e estética do presente em seus múltiplos modos passados de ser, tal ideia marca muito claramente a experiência do caráter cíclico e espiral da História. Ao final do poema, diz o narrador:

*desfeitas cama e maca,
adiado o bote, a onça presa
novamente ao Mais-Que-Agosto,
de volta ao círculo*

*quando voltaste
a ti*

Um final de poema que ilustra o salto não realizado, o bote fracassado sobre a presa que desejamos prender – o Tempo, círculo orbital em que estamos presos, cercados pela luz consciente de uma racionalidade do encaixe, do limite, que não permite a *transversalidade* e o transbordamento disso naquilo, do Eu no Outro simultaneamente, criando-nos uma falsa certeza do limite entre mundos (Platão) e Sujeitos individualizados, separados por planos temporais lineares.

Os poemas de *Trans* exploram insistentemente a (im)possibilidade de o Homem se libertar da condenação de existir sob as formas precárias do corpo físico e da Palavra. A condição (como condicionamento) de existir é tutelada pelo imperativo do instante, do tempo de agora nunca apreendido e sempre *perd(ido)*. É para dizer isso que Age dialoga com a melhor tradição da poesia moderna de Drummond, Camilo Pessanha e Celan, mencionando um conjunto visual recorrente nesses poetas-texto e composto por imagens como a areia, o caco, o traço e o pó. No poema *Disso*, cujo título, aliás, já menciona o que é parte, *partido*, estas imagens representam o resíduo, a totalidade irrecuperável, o que fica nos vãos do discurso falado, escrito ou pensado e, portanto, nas lacunas do Ser cujo corpo é também um caco. Vejamos o poema:

DISSO, do que conversamos,
do que
não dissemos,
do tanto que ficou
(marca do anel, desfeita a aliança)
para depois,
ficou
um caco, passos
na areia,
poema riscado no escuro,
resto de fogueira
na praia.
[...]
Entre destroços e o salvado,
o céu
boiando no lago.

Os cacos e passos são as marcas da ausência que, na areia, também serão desfeitas pela erosão do tempo. Se retornarmos ao primeiro poema analisado aqui, veremos o Sujeito à procura de reencontrar-se por inteiro dentro de uma sacralidade que quer afastar-se do episódico. O *poema riscado no escuro* se nos revela a metáfora do

risco* que é escrever. O poema em riscos sugere o escrever como fissura, escolha que também faz submergir ou ficar no fundo perdido do discurso o que jamais será conhecido, Aquilo do qual o *Disso* é apenas o que foi salvo. Ao final do poema a água espelha o céu, como seu duplo, como a dizer que nele, sem poder dizer-se, também há um fundo que *ficou*. Tantas imagens nos levam a admitir que o poeta “não sabendo servir-se da palavra como signo de um aspecto do mundo, vê nela a imagem de um desses aspectos. E a imagem verbal que ele escolhe por sua semelhança [...] não é necessariamente a palavra que nós utilizamos para designar esses objetos.” (SARTRE, 2004, p. 14)

Assim, Age de Carvalho poetiza o Ser numa permanente passagem, numa transformação que, em se tratando do poeta e do leitor, muitas vezes encontra sua forma na escrita ou materialidade da palavra. Em permanente negociação com o mundo e com a história o sujeito livre faz-se objeto de seus outros para simultaneamente fazer-se novamente sujeito capaz de reconhecer a si mesmo. *Trans* nos revela o duro ofício e o árduo trabalho de inscrever-se, ver-se apagar e novamente saber-se resíduo, traço inconcluso.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Age de. *Trans*. São Paulo: Cosacnaify/7 Letras, 2011

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. São Paulo: DIFEL, 1979.

_____. *Que é a Literatura?*. São Paulo. Ática, 2004

_____. *O Ser e o Nada*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebido em: 08.03.2013

Aceito para publicação em: 02.05.2013

* do latim *resicum* > *risicum* > *riscum*: escolha submerso, coral, capaz de sulcar, gravar ou abrir fenda no casco dos navios.